

Sugestões para

LITURGIA DOMINICAL

15 DE ABRIL DE 2017 | VIGÍLIA PASCAL – ANO A

Alegrai-vos! Não tenhais medo!

Textos Bíblico-litúrgicos: Gn 1,1-2,2 // Sl 103 // Gn 22,1-18 // Sl 15 // Ex 14,15-15,1 // Ex 15 // Is 54,5-14 // Sl 29 // Is 55,1-11 // Is 12 // Br 3,9-15.32-4,4 // Sl 18 // Ez 36,16-17a.18-28 // Sl 41 // Rm 6,3-11 // Sl 117 // Mt 28,1-10.

Oração do dia: Iluminai esta noite santa com a glória da ressurreição!.

Oração sobre as oferendas: Que esta liturgia seja penhor da eternidade.

Antífona da comunhão: “O Cristo, nossa Páscoa, foi imolado; celebremos a festa com o pão sem fermento, o pão da retidão e da verdade, aleluia!”

Oração depois da comunhão: Derramai em nós o espírito de caridade!

1. A Vigília Pascal é mãe de todas as vigílias e de toda a liturgia cristã. A Igreja, depois do reverente silêncio ao pé do sepulcro, testemunha que ele está vazio e que Cristo está vivo. Durante o dia, a Igreja permaneceu junto ao sepulcro, meditando a paixão e a morte do Senhor. A mesa do altar, vazia e desnudada, tornou-se símbolo maior do mistério kenótico. O grão de trigo que cai na terra e não morre, permanece só um grão de trigo. Se ele morre, germina em vida e produz frutos de esperança para o mundo (Jo 12,24). Cristo desceu ao coração da terra para trazer consigo todo o gênero humano. Assim, a Solene Vigília Pascal é a celebração deste mistério do Filho de Deus vivificado e glorioso. Mas, ao mesmo tempo, é o testemunho do Pai, que reabilita plenamente Jesus de Nazaré: sua vida, pregação e missão. A celebração da Vigília Pascal está dividida em quatro momentos, que compõem um mosaico festivo. Eles são dimensões de um mesmo e único mistério: a celebração do Fogo Novo (Lucernário); a longa e bela liturgia da Palavra; a liturgia Batismal; e a liturgia Eucarística. Luz, Palavra, Água e Pão são a síntese multifacetada do mistério do nascimento e da alimentação dos novos filhos para a mãe-Igreja.

2. Na tradição do povo hebreu, a Páscoa era inicialmente um ritual para pedir a bênção para os rebanhos, a fecundidade, a proteção contra doenças, além de água e pastagem. Quando Israel se torna uma comunidade sedentária, a tradição agrícola dos Ázimos é associada à Festa da Páscoa. Assim, pede-se também a bênção para as colheitas e a proteção contra as pragas. Nesta etapa, portanto, a festa está vinculada aos meros ciclos naturais. Com a fuga do Egito, a festa da Páscoa ganha um conteúdo histórico e teológico. Ao primeiro conteúdo, associa-se o fato que se tornará elemento fundante para a fé de Israel: o Deus de Israel não admite a escravidão, é o Deus da liberdade e da libertação. Deus escuta o clamor do seu povo, vê sua miséria e desce para libertá-lo. O êxodo é a manifestação por excelência da soberania de Deus sobre o poder opressor

do faraó, sobre as forças caóticas do mar, sobre o deserto e sobre o medo da liberdade, experimentado na travessia e revelado em tantas ocasiões de murmuração ao longo do deserto. No tempo de Jesus, a Palestina vivia condições históricas similares. Não mais era dominada pelo Egito, mas pelo Império Romano. Por isso, Jerusalém se tornava um caldeirão fervente de expectativas e desejos libertários. Sua população crescia enormemente por causa dos peregrinos vindos de várias regiões adjacentes. Muitas vezes, por causa do zelo pelo Senhor, encontrava-se a ocasião de enfrentamento com o império dominante. Nesse sentido, afirmar que Jesus Cristo é o Kyrios - e não César - já traz consigo uma carga de resistência e libertação sócio-política, mas não somente.

3. Antes de nos determos sobre o fato da ressurreição e suas implicações teológico-pastorais, é preciso observar como a Vigília Pascal contempla textos fundamentais que preparam a afirmação cristã da ressurreição de um crucificado. A Igreja-esposa, reclinada ao peito do amado, medita os gestos salvíficos de Deus em favor de seu povo: a criação (Gn 1); a aliança com Abraão que, no seu gesto de entrega do filho Isaac, prefigura o sacrifício do único e verdadeiro Filho (Gn 22); o Êxodo, como vitória da soberania de Deus sobre todo poder maléfico e que se torna prefiguração do Batismo (Ex 14-15); a interpretação isaiana dos tempos messiânicos caracterizados pela misericórdia sponsal de Deus (Is 54), e pelo seu convite universal ao banquete, símbolo da eterna aliança (Is 55); o convite a retornar à fonte da Sabedoria e da Glória, pois sua rejeição conduz o ser humano à escravidão e ao exílio (Br 3); finalmente, a renovação da aliança, selada unilateralmente como pura graça, não mais em tábuas de pedra, mas por meio da água pura derramada, que cria novos corações (Ez 36). A fidelidade de Deus à sua promessa e o zelo pelo cumprimento de sua parte na aliança, como um fio dourado, perpassam todas as leituras. Com essa Vigília, a Igreja pretende afirmar que o cumprimento definitivo da promessa se realiza na Páscoa de Cristo (Rm 6; Mt 28).

4. A celebração da Páscoa, na perspectiva cristã, faz memória a um fato teológico fundante para a nossa fé: Cristo ressuscitou. Os sinais exteriores falam de um túmulo vazio, de lençóis revoltos ao chão, do pano de linho caprichosamente dobrado num canto. Nada disso teria sentido se, no Espírito, a Igreja não fizesse a experiência da ressurreição de Jesus, “dele e de sua causa como vivos e vitoriosos”¹. “Ó noite em que Jesus rompeu o inferno, ao ressurgir da morte vencedor. Só tu, noite feliz, soubeste a hora em que o Cristo da morte ressurgia”². A aparição do ressuscitado às mulheres, no primeiro dia da semana, é contada por Mateus como uma verdadeira cristofania. Percebem-se os elementos de continuidade, pois o ressuscitado é o crucificado. Por outro lado, a ênfase não é posta no passado, mas na alegria, na consolação e na missão. A primeira palavra de Cristo ressuscitado à Igreja é: “Alegrai-vos!”. A segunda: “Não tenhais medo!”. A terceira: “Ide anunciar!” (Mt 28,9-10). Isso é um verdadeiro programa: o medo se transforma em alegria e o marasmo paralisante, pós-crucifixão, transforma-se em necessidade de retorno à Galileia, símbolo do início do ministério público de Jesus Cristo e da retomada de sua missão pela comunidade dos seguidores do Messias-Servo-Sofredor. De fato, o Evangelho não narra a ressurreição em si, mas o encontro das mulheres e dos apóstolos com o evento pascal. Na mensagem do anjo - “Ressuscitou!” - está o resumo da fé da Igreja. O Cristo vivente, que age na história, é proclamado, em primeiro lugar, pela fragilidade do testemunho de mulheres. Assim como na tábua da manjedoura, no madeiro da cruz e na mesa eucarística, o poder da aparente fragilidade do res-

suscitado se manifesta no imaginado “não-poder” de testemunhas “não qualificadas”. A palavra das mulheres se torna “ortodoxia”. E a memória do evento pascal, revivida na liturgia dominical, torna-se profissão de fé e estabelece um novo estilo de vida. Liturgia, Credo e Ética se encontram no conteúdo da ressurreição. A vida venceu a morte. A esperança do mundo renasce, pois esta noite “dissipa o ódio e dobra os poderosos, enche de luz e paz os corações; une de novo ao céu a terra inteira, pondo na treva humana a luz de Deus”³. Nasce uma nova cidadania evangélica, eclesial e humanística que qualifica as pessoas cristãs como testemunhas pascais na história. As implicações e os ecos dessa afirmação devem se fazer sentir por meio da presença cristã em todos os campos: nos relacionamentos interpessoais, na família, na comunidade eclesial, no mundo do trabalho e da cultura, na economia e na política, na reflexão ecológica e até nas relações entre nações e povos. Feliz Páscoa de Ressurreição!

1. RAHNER, K. *Curso fundamental da fé*. São Paulo: Paulus, 1989. p. 326.

2. *Precônio Pascal*.

3. *Precônio Pascal*.

Sugestões litúrgicas

1. A “Mãe de todas as Vigílias” merece uma atenção redobrada das equipes de liturgia. Os ministros devem estar preparados e atentos. Pela riqueza simbólica da Vigília é preciso calma para não haver atropelos. A equipe de liturgia deve estudar todo o rito com antecedência.

2. Os cantos para esta liturgia estão gravados no Cd “Tríduo Pascal II”, do Hinário Litúrgico da CNBB.

3. A reunião da comunidade ao redor da fogueira deve ser animada com cantos populares que manifestem a alegria da ocasião. Uma boa opção é o “Liberdade vem e canta”, que pode ser encontrado no Ofício Divino das Comunidades.

4. Os ministros leitores devem ser instruídos a executar sua função na Liturgia da Palavra com muita tranquilidade.

5. As orações que se seguem às leituras e salmos não devem ser rezadas de forma mecânica. Para isso, o presidente da celebração precisa estar atento à sua expressão corporal e entonação da voz. Evite-se dar ordens à assembleia para que se levante ou se assente. Um simples gesto com a mão pode cumprir a função de orientar a assembleia e evitar ruídos.

6. Recorde-se que o Salmo Aleluiático, que se segue à leitura do Novo Testamento, não cumpre o papel de Aclamação ao Evangelho. Sugerimos que, para a aclamação, cante-se: “Lá vem a barra do dia”, que pode ser executado com dança ritual.

7. Para a Liturgia Batismal, muita atenção quanto às fórmulas próprias para celebração com ou sem batismo. Não se omita a aspensão da comunidade.

8. Cumprindo o mandato do Senhor, que a comunhão seja em duas espécies.